

Anahí Ginarte*

O corpo como evidência



Fossa comum do cemitério de San Vicente, Córdoba. Foto: Anahí Ginarte

Para Clyde. Sentimos saudades de você...

“Aqui deixo a minha história para que outro a carregue”, dizem, mostrando as palmas das mãos no chão, em alguns lugares da África, quando acabam o relato de um conto.

Clyde Snow¹ nos ensinou que os ossos fazem o mesmo: nos deixam suas histórias para que possamos contá-las. Somente é preciso saber “ler” os ossos, e aprendemos como fazer isso com ele.

Comecei a trabalhar na Equipe Argentina de Antropologia Forense (EAAF²) no ano de 1990. Eu era estudante de antropologia na *Universidad de La Plata* e tinha 22 anos. Fui convidada para cooperar nas exumações que realizavam no setor 134 do cemitério de Avellaneda, na Gran Buenos Aires. Era um terreno de 12

* Integrante da Equipe Argentina de Antropologia Forense (EAAF).

1. Clyde Snow (1928-2014) foi um professor e antropólogo forense norte-americano. Trabalhou com vários grupos de direitos humanos, e sua tarefa nas covas comuns da Argentina teve grande repercussão. Ali fundou e treinou a Equipe Argentina de Antropologia Forense. Trabalhou em covas comuns encontradas na Iugoslávia e participou na identificação dos restos do criminoso nazi Josef Mengele no Brasil, entre outros importantes trabalhos em países como Chile, Peru, El Salvador, Guatemala, México, Venezuela, Etiópia, Croácia, Curdistão iraquiano, Zimbábue, República Democrática do Congo, África do Sul, Filipinas. Nos Estados Unidos, e sob petição do Congresso, confirmou que as radiografias da autópsia de John F. Kennedy efetivamente pertenciam ao ex-presidente.

2. A Equipe Argentina de Antropologia Forense (EAAF) é uma organização científica, não governamental e sem fins lucrativos que aplica as ciências forenses – principalmente antropologia e arqueologia forenses – à pesquisa de violações dos direitos humanos no mundo. Formou-se em 1984 com o objetivo de pesquisar os casos de pessoas desaparecidas na Argentina durante a última ditadura militar (1976-1983). Atualmente, a equipe trabalha na América Latina, África, Ásia e Europa em cinco áreas programáticas: pesquisa, treinamento e assistência, desenvolvimento científico, fortalecimento do setor, documentação e divulgação.

por 24 metros, que se encontrava ao lado de um pequeno prédio onde funcionara uma espécie de necrotério. Estava separado do resto do cemitério por um muro, como que escondido aos fundos, e mesmo estando também separado do bairro por outro muro, os vizinhos dos prédios da rua contígua sabiam muito bem o que tinha acontecido no local e o que estava acontecendo agora. Os membros da EAAF encontraram uma série de 19 covas comuns e 18 individuais. Quando cheguei, o trabalho estava bastante avançado; havia começado no ano de 1988. Recebi as ferramentas de arqueólogo (espátula, estacas e pinças) e me disseram, enquanto me mostravam um setor de uma das covas: “Desça e comece por essa parte que é a mais fácil, pois esses são os ossos das pernas”.

Naquela noite tive um sonho. “Por aqui... escove mais para a direita... Tire essa pedra... assim... Essa é a minha patela... Muito bem...”. Era o fantasma de uma jovem mulher dando-me, tranquilamente, as indicações para que eu continuasse escavando, para que eu continuasse a descobri-la. Na cena do sonho as minhas mãos trabalhavam com um pincel sobre parte de seus ossos expostos, e o fantasma dela se levantava do setor ainda coberto com terra. Ela queria que eu a encontrasse. Ela estava feliz com o que eu estava fazendo. Foi um sonho tranquilizador. Não acredito em fantasmas, mas não tive mais dúvidas: soube o que eu devia fazer.

A partir da arqueologia tradicional tenta-se conhecer a forma de vida de populações que já não existem. Tentamos interpretar como viviam, e fazemos isso através dos vestígios materiais. Apesar das coisas possuírem informações em si mesmas, o contexto no qual se encontram, contribui com muito mais explicações: sua localização no espaço, a relação entre os objetos encontrados, sua temporalidade, etcetera. É o que chamamos “registro arqueológico”. Embora saibamos que é dinâmico, porque muito dificilmente estejamos escavando em Pompéia (onde a

lava do Vesúvio deixou as coisas intatas, exatamente como estavam, inclusive as pessoas que ali faleceram), o documentamos com a maior qualidade e de todas as formas possíveis (medições, mapas, anotações, fotografias, vídeos e mais) para poder extrair todas as informações que o conhecimento atual da disciplina nos permite. O arqueólogo, quando escava, destrói, e caso faça mal a sua tarefa ou não registre adequadamente, a informação do local se perde.

Quando empregamos essas técnicas em arqueologia forense, nas escavações de covas comuns como as do cemitério de Avellaneda ou as do cemitério de San Vicente em Córdoba, estamos “fazendo falar” os ossos a partir do momento mesmo da descoberta. O arqueólogo forense trabalha em locais que constituem a “cena do crime”, porque embora muitas vezes a pessoa não tenha sido executada no mesmo local de seu enterro, o local da descoberta dá conta do crime em muitos aspectos. Somente para oferecer um exemplo: a ocultação do corpo. Não é casualidade que encontremos semelhanças na localização desses enterros clandestinos nos cemitérios do nosso país, em Avellaneda, San Vicente, Tucumán, Mendoza: escondidos nos fundos do cemitério, nos locais reservados para aqueles que não podem pagar, para os pobres.

Os locais de inumação “falam”, e também os outros vestígios materiais associados aos ossos têm suas histórias para contar: roupas, objetos, projéteis.

Esses objetos, em sua relação com os ossos, com o cadáver, são evidência para um tribunal. Em entrevista com Clyde Snow sobre sua declaração no ano de 2005 no processo contra Saddam Hussein pelos seus crimes contra o povo curdo, a jornalista perguntou se Hussein tinha falado com ele, e contou o seguinte:

Sim. Ele se pôs de pé – carregava um Alcorão enorme na mão – e se dedicou essencialmente a questionar a minha credibilidade: quem era eu, que nunca tinha ouvido falar sobre mim nem sobre a antropologia forense. Logo, no que diz respeito aos esqueletos encontrados, disse: “Iraque está repleta de covas comuns. Como saber que não contém hititas de cinco ou seis mil anos atrás?”. Eu queria responder; queria dizer que sabia que os hititas eram uma civilização muito avançada, mas não tanto assim como para que alguns deles tivessem relógios digitais. Também queria ter dito que a maioria desses relógios deixaram de funcionar em 28 de agosto de 1988. Mas antes de que eu pudesse fazer isso, o juiz disse que eu já tinha sido confirmado como especialista. Nunca pude responder a sua pergunta³. (Wiese e Saravia, 2012).

O sol estragou a pele de Dom Sotero e a roupa pende dos seus ossos. Sempre usa um chapéu e anda com um palito na boca. Fala pouco e para dentro; é muito difícil compreender o que fala. E, apesar de estar nos contando talvez o mais terrível que tenha acontecido na sua vida, o nervosismo e a intimidação que nós devemos causar nele, as três gringas argentinas que querem tirar os mortinhos, fazem com que ele sorria mostrando os poucos dentes que ainda lhe restam na boca. É em El Salvador, perto do povoado conhecido como La Joya, nas montanhas de Morazán, no meio de uma floresta de árvores de manga. Estamos na época e as frutas que não são colhidas apodrecem no chão. Está nos mostrando o local onde enterrou os seus filhos.

Na escavação nos ajudam camponeses da região; aprendem rápido o ofício do arqueólogo. Os ossos apareceram bem embaixo, cerca de dois metros de profundidade. De cima, Dom Sotero, vizinhos e membros de organizações de direitos humanos observam atentamente o trabalho. Estamos em abril do ano 2000 e é a primeira vez que tenho a tarefa de exumar ossos de crianças. Pato e Mimi⁴ já tinham

3. Tradução nossa.

4. Patricia Bernardi e Mercedes Doretti, membros fundadores da Equipe Argentina de Antropologia Forense.

feito isso em 1991. São delicados, frágeis. É preciso trabalhar com muito cuidado. Além disso, são muitos mais porque não estão fusionados feito os nossos. Tinham que continuar crescendo, mas não os deixaram... Há roupas também.

–O que é isso? – me pergunta um dos trabalhadores, e mostra um pedaço de pano. Está agachado escavando atrás de mim.

–Uma roupa.

–Não. Tem alguma coisa dentro.

–Descubra-o para ver o que há.

Viro para poder ajudar. O tecido vestia uma boneca de plástico. Tinha os braços para cima como que segurando a cabeça. Estava ao lado de sua dona. De cima também viram a cena. Não houve necessidade de explicar nada. Além do mais, ninguém podia emitir som algum.

–Vamos descansar – disse Mimi.

Alguém começou a cantar uma canção religiosa, e depois todos se uniram em uma oração. Nós fomos fumar um cigarro, mais longe.

É um dos casos emblemáticos do trabalho da EAAF: a chacina do El Mozote em El Salvador⁵. Bem antes da escavação em La Joya, no ano 1992, sob petição das Nações Unidas e a partir da pesquisa realizada pelo Escritório de Tutela Legal (ONG fundada pelo monsenhor Romero), a EAAF dirigiu as escavações nas ruínas de um quarto ao lado da igreja do povoado El Mozote. É a primeira de várias missões realizadas na região de Morazán em relação à chacina. E essa vez os vestígios materiais do acontecido nos contaram que 131 crianças menores de 12 anos tinham sido assassinadas, que todas estavam encerradas em um quarto e que duas pessoas tinham atirado de fora, pela janela e pela porta; que mais uma vez cada um desses corpos, desses diminutos ossos, nos mostrava a mentira disfarçada nas palavras oficiais.

A versão que dá conta de um enfrentamento com os combatentes da Frente Farabundo Martí se transforma no pó que cobre as ossadas, suas roupinhas, seus brinquedos. Não há discussão.

Identidade

Quando levamos os achados do local para o laboratório, continuamos interrogando esses indícios materiais para tentar obter respostas sobre o acontecido. Cada elemento contribui com algo particular. Perguntamos aos ossos, basicamente, em relação a duas questões: identidade e causa da morte.

Essa fase é mais complexa. Desagregamos e agregamos durante o estudo constantemente: vamos da unidade ao todo e do todo à unidade, do osso isolado ao esqueleto completo e dele ao contexto das descobertas. E é porque tem a ver com a natureza da pergunta: a identidade de uma pessoa vai da sua singularidade até o seu pertencimento a um grupo social. Não é possível identificar alguém somente partindo de si mesmo, nem contando com as técnicas genéticas de vanguarda. O

5. Durante a guerra civil, no ano 1981, a Frente Farabundo Martí para a Libertação Nacional tinha mais presença na região da fronteira com Honduras, ao norte do departamento de Morazán. Entre os dias 7 e 12 de dezembro desse ano, o exército salvadorenho realizou uma ofensiva na região com uma tropa de elite, Atlácatl (criada em 1980; os soldados treinaram na Escola das Américas do exército norte-americano, que estava localizada em Panamá). Aliados do governo norte-americano de Ronald Reagan decidiram pôr em prática a tática de “terra arrasada” usada no Vietnã: que a guerrilha não tivesse onde se abastecer e, portanto, acabar com os povoados da região. Foi assim que em 8 de dezembro a tropa Atlácatl entrou em vários povoados nas montanhas de Morazán, um deles, El Mozote. Tinha-se divulgado que vinha o exército e os homens fugiram para as montanhas, e deixaram nos povoados as mulheres, crianças e idosos. Somente restaram dois sobreviventes: um menino e uma mulher que conseguiram fugir. A versão oficial fala sobre o enfrentamento entre a guerrilha e o Exército.



Fossas comuns do setor 134 do Cemitério de Avellaneda. Na foto Morris Tidbal Binz e Patricia Bernardi. Foto de Mercedes Doretti



Uma das fossas comuns do setor 134 do Cemitério de Avellaneda. Na foto, Anahí Ginarte. Foto de Stephen Ferry



Vestimenta do casario El Mozote 1991. Foto: Mimi Doretti



Restituição de restos de pessoas desaparecidas. Argentina. Foto: Anahí Ginarte

perfil genético de um osso precisa ser comparado com o referente de um familiar para poder dizer de quem se trata.

Por outro lado, e principalmente com os ossos, é partindo dessa singularidade que podemos identificar.

À medida que o corpo se descompõe, as possibilidades de um reconhecimento visual por parte dos familiares vão se diluindo. E os traços de “ser humano” irão se apagar para esses ossos se tornarem “coisas”. Nigel Barley (1995) exemplifica isso em seu livro *Bailando sobre la tumba* [“Dançando sobre a cova”⁶] com o caso do Homem de Lindow, um cadáver da Idade do Ferro muito bem conservado devido a um processo de mumificação natural, produzido por ter ficado submerso em um pântano, que se encontra atualmente no Museu Britânico e que recebeu o nome de Pete Marsh:

Parece que a fascinação reside na carne. Se Pete fosse um esqueleto, não seria nada além do que matéria inerte, uma coisa. Com a carne ainda é um indivíduo, alguém que possui uma identidade e uma nacionalidade. Tem um rosto [...]. É frequente traçar uma fronteira entre carne/sangue e osso, entre o perecível e o relativamente limpo e transparente (p. 129).

No laboratório há por volta de quatrocentas caixas de papelão, cada uma delas contendo um esqueleto. Nem todos são de “desaparecidos”⁷, mas são corpos sem identidades, de pessoas que por alguma razão foram enterradas sem um nome. Alguns foram esquecidos e outros são procurados pelos seus familiares, sem sucesso. Outros, por negligência de cuidado nos cemitérios, de uma sociedade “moderna” que vai perdendo o respeito por eles, foram jogados na rua depois de ter sido

usados como “elemento” de estudo de algum aspirante a médico, ou como parte de algum rito, ou simplesmente por serem considerados lixo até que, por algum acaso piedoso, acabaram em nosso laboratório.

De outra parte, estão as identidades sem corpo: aqueles que são procurados. Os avanços genéticos nos permitiram, nesses últimos anos, realizar uma maior quantidade de identificações. Ainda faltam muitas.

–Bom dia, gostaria de falar com María Carolina Llorens.

–Sim, sou eu.

–Meu nome é Anahí Ginarte, sou membro da Equipe Argentina de Antropologia Forense. Gostaria de falar com você pessoalmente. Quando seria possível? Tínhamos identificado os seus pais.

Os meus pais, Sebastián Llorens e Diana Triay, militantes do PRT/ERP, foram sequestrados em 9 de dezembro de 1975. Estiveram desaparecidos a partir daquele momento [...].

Apesar dos esforços da família para nos explicar o que tinha acontecido com os nossos pais, com frequência nos encontramos com perguntas sem respostas. Estavam mortos? Se a morte é uma pergunta ancestral que os humanos nos fazemos, o que é a não morte? O que é o desaparecido? O que é esta ausência sem certezas? [...]

Uma manhã o meu filho de 8 anos amanheceu perguntando “eu já compreendi isso dos militares, mas me diz mamãe, os ossinhos, onde estão os ossinhos dos avós?”. Depois, ao sair de uma audiência no tribunal, continuou perguntando: “Então, não sabemos onde estão? Podem estar em qualquer local? Podem estar aqui, sob a calçada?” [...]

Finalmente, nos encontramos com uma certeza que abre portas. Uma possibilidade tangível de despedida, de poder chorar os nossos mortos, um dos direitos humanos inegáveis já enunciados desde a tragédia de Antígona, conhecido como “direito de luto”. Minha avó paterna, Nelly Ruiz de Llorens, que com seus 92 anos continua lutando pode, após tantas perdas e tantas procuras infrutíferas, despedir-se de seu filho. E os filhos, irmãos, irmãs, sobrinhos, sobrinhas, tias, avós, primos, netos, netas, companheiros, vizinhos também podemos nos despedir. Enfim, há toda uma sociedade que precisa se despedir deles.

Essa despedida comporta emoções ambíguas e aparentemente contraditórias, porque é um encontro e uma despedida ao mesmo tempo. O encontro produz uma “estranha

6. Tradução nossa.

7. Denomina-se assim às milhares de pessoas que, durante a última ditadura militar na Argentina, foram sequestradas, detidas em centros clandestinos de detenção, torturadas e, posteriormente, assassinadas, e seus cadáveres foram escondidos de diversas formas (jogados no mar, enterrados como NN nos cemitérios municipais ou enterrados em covas comuns ocultas em campos militares).

alegria”, como disse meu tio Bernardo; a alegria de encontrar a verdade do acontecido após tanta escuridão e tantas incertezas. Uma emoção indescritível de vê-los mais uma vez através do que seus restos nos falam. No entanto, a despedida é uma dor, pela perda que se faz presente novamente em um luto com toda a intensidade, “como se tivessem falecido ontem”. (Llorens, 2013).

Em outros casos não podemos encontrar o “todo”, porque somente dispomos de algumas “partezinhas”. Tinham ligado do tribunal para notificá-los da identificação. Tínhamos encontrado eles em uns antigos fornos de cal na fazenda La Ochoa, dentro do campo militar onde funcionou o centro clandestino de detenção La Perla, na província de Córdoba.

–Não estão completos. São ossos misturados, muitos fragmentos pequenos e alguns queimados. Estavam juntos entre os detritos que cobriam a lareira do forno 3. Nós juntamos os ossos repetidos, três escafoides esquerdos, dois semilunares direitos e dois esquerdos, todos ossinhos das mãos, e os enviamos para extrair o DNA. Sabíamos que havia, pelo menos, três pessoas, mas os geneticistas encontraram um quarto perfil. Por isso conseguimos identificar os meninos. Mas não são esqueletos completos. Poderemos entregar-lhes apenas alguns ossinhos e outros continuarão misturados.

Foi difícil explicar para Ana e Mariano que não tínhamos o esqueleto completo da sua irmã Lila Gómez. Somente através das fotografias conseguiram entender.

Na manhã de 6 de dezembro de 1975 um comando militar sequestrou quatro estudantes de medicina da *Universidad Nacional de Córdoba*: Lila Rosa Gómez Granja, Ricardo Enrique Saibene, Luis Agustín Santillán e Alfredo Felipe Sinópoli. Estavam reunidos frente à estátua do Dante, no Parque Sarmiento. Desconhecemos os *infernos* pelos que passaram, de igual modo que o Dante, até chegar ao local onde os encontramos. Sim sabemos o que seus familiares padeceram.

Dói na alma a tua ausência... não ontem, não hoje, todos os dias.
É como uma mancha indelével, uma ferida insuportável, permanente, persistente... nunca “desaparecida”
Dói imaginar você sozinho, na escuridão, no silêncio, mas dói muito mais imaginar você com eles, sob seu poder, sofrendo.
Dói tua memória, mas dói muito mais pensar no esquecimento.
Dói o que sei da tua história, mas dói muito mais o que eu nunca soube...
“Desaparecido” ... mas nunca ausente. (Saibene,⁸ s. f.)

Os fragmentos que não foi possível separar foram, por decisão das quatro famílias, enterrados conjuntamente no jardim do Espaço para a Memória La Perla, onde foram plantadas quatro árvores.

Quando se alcança essa incrível conexão entre os ínfimos DNA para chegar à grandiosidade de uma identificação, a história oculta é desvelada. Ai estão. Dados os fatos, não há discussão.

A parte e o todo

Imbuídos, sem nos perguntar muito se é realmente assim, em uma espécie de epistemologia sistêmica, nos movemos na análise das “partes” e daí vamos ao “todo, que se transforma em “parte” à medida que mudamos os níveis da análise. Estudamos o extremo esternal da costela para estimar a idade do indivíduo e, daí,

8. Omar José Saibene, irmão de Ricardo Enrique Saibene.

somando os outros métodos de estudo que focalizam em outras pequenas partes dos ossos, chegamos a enunciar as generalidades do esqueleto. E quando através da análise e da comparação de seu perfil genético, obtido de uma peça dentária, conseguimos identificá-lo, esse esqueleto se transforma em uma pessoa com uma história, uma família e uma sociedade de pertencimento.

As consequências dos nossos trabalhos são estudadas por outros profissionais, psicólogos, antropólogos sociais, etcetera, mas nós temos de estar atentos a elas para poder decidir e atuar, caso seja necessário.

Em Zimbabwe trabalhamos junto a Amani Trust,⁹ uma ONG cujo principal trabalho foi ajudar a sobreviventes de tortura física e psicológica do violento período Gukurahundi¹⁰, partindo da psicologia e da medicina. Nos foi solicitada colaboração para realizar exumações e identificações devido ao pedido recorrente dos membros de diferentes comunidades *ndebeles* porque não podiam ficar em paz até que seus mortos não fossem enterrados corretamente.

Segundo o relatório *Breaking the silence, building true peace* (Catholic Commission for Justice and Peace in Zimbabwe [CCJPZ], 1997), a 5ª Brigada não permitiu nem os lutos nem os enterros rituais das pessoas que foram assassinadas durante esse período, e ameaçaram, e inclusive atiraram contra os familiares das vítimas. Esses familiares em muitos casos tiveram de ver os corpos dos seus seres queridos se descompondo sob o sol e até sendo atacados por animais. Além disso, tiveram de enfrentar outras dificuldades: por não contar com um atestado de óbito, não puderam dispor dos bens herdados ou outros benefícios e trâmites administrativos. Mas, principalmente, os sobreviventes tiveram de enfrentar um terrível sofrimento psicológico por não poder velar nem enterrar os seus mortos segundo seus costumes:

A morte tem um papel importante no bem-estar dos vivos na cultura Ndebele, os que não foram enterrados voltam como espíritos vingativos, inocentes e, no entanto, prejudicados, agravados e perigosos para os vivos. Não somente são considerados desaparecidos as pessoas das quais se desconhece o destino final ou seu local de enterro, mas também aqueles que foram enterrados em covas comuns são considerados culturalmente como espíritos que se encontram infelizes em um estado de “limbo”. As lágrimas dos vivos e um período decente de luto são necessários para que possam descansar em paz.

A morte de Edwell foi muito cruel. Morreu em fevereiro de 1984 durante o Gukurahundi. Uma caminhonete chegou ao povoado de Mapane com cinco soldados, e eles rodearam os camponeses, homens e mulheres, perto da escola. Foi aterrador. Acusavam-nos de serem dissidentes. Bateram neles cruelmente. Edwell tinha 22 anos, era de baixa estatura. Prenderam ele e seu primo. Penduraram-nos de boca para baixo nos galhos de uma árvore. Dessa forma Edwell morreu. Seu primo ainda respirava. Subiram-no na caminhonete e o levaram. Está desaparecido. O corpo de Edwell foi arrastado até a caverna de um tamanduá que estava na quadra de jogos da escola e ali o deixaram. Ameaçaram de morte quem movesse o corpo. Aquela noite os cachorros roeram o corpo. Decidiram, apesar do medo, enterrá-lo mais fundo no mesmo buraco e cobri-lo com pedras. Era muito angustiante para todos que a cova estivesse nesse local, onde as crianças da escola corriam e brincavam.

9. Amani Trust foi criada em 1993 com o objetivo de prevenir a violência e a tortura. No ano 2002, o ministro da Justiça, Patrick Chinamasa, declarou ilegais várias ONGs, incluída Amani Trust, que também foi acusada de trabalhar junto ao governo britânico para derrubar o presidente Robert Mugabe.

10. O Gukurahundi foi uma campanha estatal realizada em Zimbabwe de 1982 até finais dessa década. A Brigada 5ª do exército de Zimbabwe, dirigida por Perence Shiri, assassinou membros e simpatizantes da União Popular Africana de Zimbabwe nas províncias do povo ndebele Matabeleland e Midlands.

A restituição dos esqueletos a suas famílias foi se produzindo à medida que os trabalhos forenses eram finalizados. Os funerais se realizaram nos respectivos *kraal*¹¹ de cada família e contaram com a participação de toda a comunidade e de diversas instituições religiosas. Fomos convidados para participar. Em cada um dos funerais, diferentes pessoas, membros da família ou da comunidade, expuseram seus sentimentos e relataram parte da história:

Discurso do idoso da família, M. Madlela

Hoje estamos na casa de Edwell. Ele morreu de uma forma pouco usual, no tempo em que a terra tremia... Teve de esperar muito tempo. Como sabem, Zimbabwe foi liberada por uma luta armada. Bem, as pessoas enterradas nos locais incorretos também têm de lutar. Eles também lutam de baixo, onde jazem, até serem liberados. Hoje Edwell foi liberado e devolvido para testemunhar pelos outros, pelos outros que morreram. Estamos todos muito agradecidos por isso. Hoje todos sabemos que se encontra aqui de uma forma aceitável para um ser humano. A forma em que o enterramos foi segundo os desejos de cada família... Isso é algo excelente! Agradecemos às pessoas que foram educadas com o dinheiro de seus pais para fazerem esse grande trabalho. Eles conhecem os ossos das pessoas e podem separá-los. Tomara Deus faça com que eles voltem para que aqueles que estão demorando possam estar com seus familiares em seus lares. Agradeço aos visitantes do outro lado do mar que vieram liberar essas pessoas que estavam em locais desconhecidos sob a terra. Tomara Deus os ajude e pedimos que os abençoe caso tenhamos esse poder. Obrigado.

A morte de Edwell teve também outras consequências para os vivos: sua mãe pode finalmente inscrever o óbito perante as autoridades e, a partir disso, seu filho pode herdar os bens.

Ben Khumalo e Stanley Sibanda foram assassinados no mesmo incidente, durante a Guerra da Liberação, em 18 de novembro de 1978. Ben Khumalo era o chefe da tribo. Somente um ano após termos recuperado seu corpo, e uma vez realizado o ritual do *umbuyiso*, então seu filho pode assumir o papel de seu pai na comunidade. A cerimônia do *umbuyiso*, ou “*bringing home ceremony*”, realiza-se após um ano da morte da pessoa e é uma parte importante das crenças religiosas dos ndebeles. Marca o retorno do defunto em uma relação harmoniosa, uma comunhão ininterrupta entre o antepassado e as pessoas que estão vivas da família. Na cerimônia se chama de volta ao espírito para que vigie e cuide dos membros da família e os proteja contra qualquer dano. Nos permitiram participar nas cerimônias. Também soubemos que após as primeiras restituições que fizemos, no ano 1999, os espíritos descansaram em paz e as estações de chuva trouxeram de novo a água suficiente para as frágeis economias familiares.

Os julgamentos: o significativo e o significado

Muitos dos antropólogos que nos formamos nas universidades de La Plata ou Buenos Aires vendo a integridade da disciplina em suas três ramificações (arqueologia, antropologia social e antropologia biológica), estudamos, a partir da linguística estrutural de Ferdinand de Saussure, os conceitos de significativo e significado.

Como explicamos, o registro e a documentação do nosso trabalho é fundamental. Assim, a evidência recuperada é fornecida às instituições encarregadas de fazer justiça, em diversos formatos: escrito, fotográfico, vídeo. À medida que a tecnologia avança, melhora a qualidade na documentação e se agiliza o arquivo

das evidências e suas possibilidades de pesquisa. Na atualidade, é possível realizar impressões tridimensionais de um crânio com uma lesão de arma de fogo. Mas a valoração dessa forma de apresentar a evidência tem a ver com a internalização da tecnologia nas diferentes sociedades.

– Vocês não compreendem. Eu quero os esqueletos na sala do tribunal. Para nós, os africanos, uma imagem não é o mesmo que os ossos diretamente – dizia o Procurador Geral Ato Gyrma Wakjira, em abril de 2002, antes da nossa declaração na *High Federal Court* de Adis Abeba, Etiópia.

Mimi e eu estávamos muito preocupadas pelos familiares das 13 pessoas que tínhamos identificado. Clyde estava fascinado; tinha declarado em muitos tribunais ao redor do mundo, porém nunca com o cadáver na frente dos juízes e dos acusados. Pedimos uma reunião com os familiares. Estavam todos de acordo com o procurador. Embora resultasse doloroso, entendiam a importância de que fosse assim.

No dia anterior, fomos à sala da audiência e dispomos a evidência encontrada e os esqueletos em posição anatômica sobre 13 mesas de madeira situadas em forma de leque em um espaço diante do painel dos juízes. Em uma mesa separada estavam as 13 cordas com as quais tinham sido estrangulados e que tinham sido encontradas *in situ* em volta dos pescoços. A declaração de Mimi e de Clyde tomou várias horas. Eu projetava as imagens e mostrava as características assinaladas nos esqueletos. Depois nos informaram que, algum tempo após as nossas declarações, os acusados confessaram.

Então...

A partir da antropologia forense traduzimos o que os ossos querem nos contar. Com eles materializamos os relatos dos familiares, sobreviventes, testemunhas. Contribuímos com um grãozinho de areia para ir desvelando a verdade dos acontecimentos:

Principalmente que, do mesmo modo em que uma pessoa fala por muitas, um povo pode falar por outros. Porque esse tipo de evidência, ao se focar no micro, nos detalhes, transmite uma história muito dramática aos juízes e jurados. Não os aborrece com estatísticas. Joseph Stalin tinha uma observação muito interessante: quando falou das mortes ocorridas durante seu reinado do terror, disse: “Uma única morte é uma tragédia, um milhão de mortes é uma estatística”. E isso é verdade. (Wiesse e Saravia, 2012).

Referências

- Barley, N. (1995). *Bailando sobre la tumba*. Barcelona: Anagrama.
- Catholic Commission for Justice and Peace in Zimbabwe. (1997). *Breaking the silence, building true peace. A report on the 1980's disturbances in Matabeleland and the Midlands*. Recuperado de https://archive.org/stream/BreakingTheSilenceBuildingTruePeace/MatabelelandReport_djvu.txt
- Equipo Argentino de Antropología Forense. (2000). *Annual report* [Relatório anual]. Recuperado de http://eaaf.typepad.com/ar_2000/
- Llorens, M. C. (2013). No sólo son memoria. *Página 12*. Recuperado de <http://www.pagina12.com.ar/diario/elpais/1-220962-2013-05-28.html>
- Saibene, O. J. (s. f.). *Desaparecido*. Poesia publicada nas homenagens realizadas pelo Espaço para a Memória La Perla. Recuperado de <http://ricardoenriquesaibene.blogspot.com.uy/2011/08/desaparecido.html>
- Wiesse, P., & Saravia, G. (2012). Clyde Snow: “Traducimos lo que dicen los esqueletos”. *Revista Ideele* (219). Recuperado de <http://revistaideele.com/ideele/content/clyde-snow-%E2%80%9Ctraducimos-lo-que-dicen-los-esqueletos%E2%80%9D>

11. Um *kraal* é um conjunto de cabanas espalhadas em forma de círculo, em cujo centro existe um espaço para encerrar o gado. Encontram-se entre os povos nativos do sul da África.